

Patrimônios (quase) esquecidos: cervejarias entre reusos, salvaguarda e abandono – os casos da Portugália em Lisboa e da Antárctica em Joinville, Brasil

Heritage (almost) forgotten: breweries between reuse, safeguard and abandonment – the cases of Portugália at Lisboa and Antárctica at Joinville, Brazil

TIAGO CASTAÑO
MORAES 

Museu Público Memorial da
Bicicleta de Joinville, Rua
Engenheiro Leite Ribeiro, s.n.,
Joinville, Santa Catarina, Brasil
tiagomoraes@joinville.sc.gov.br

Resumo

O presente artigo propõe um estudo comparativo envolvendo duas cervejarias: a Portugália em Lisboa e a Antárctica em Joinville, Brasil. Desativadas e com seus prédios em estado de degradação, propomos uma análise dos diferentes planos de reuso e dos projetos de requalificação urbana que envolveriam esses dois exemplos de património industrial. Diferentes fontes foram consultadas: documentos oficiais, matérias jornalísticas, registros literários e uma bibliografia específica. Articulamos conceitos dos campos da arqueologia e património industrial, da arquitetura e urbanismo, da conservação e restauro, com a intenção de fundamentar questionamentos a respeito das circunstâncias que possam ter impedido tanto o reuso dos espaços, quanto a salvaguarda das antigas edificações e seus componentes industriais. Inicialmente abordamos o impacto da Revolução Industrial sobre a fabricação da cerveja e em seguida os planos de reuso de cada cervejaria, ressaltando os contextos e a maneira como em cada caso a política de preservação foi elaborada.

Abstract

This article proposes a comparative study involving two breweries: Portugália in Lisbon and Antárctica in Joinville, Brazil. Deactivated and with their buildings in a state of degradation, we propose an analysis of the different reuse plans and urban regeneration projects that would involve these two examples of industrial heritage. The sources used are varied: official documents, journalistic articles, literary records and a specific bibliography. We articulate concepts from the fields of archaeology and industrial heritage, urbanism, conservation and reuse and restoration with the intention of substantiating questions and problems regarding the circumstances that may have prevented both these industrial spaces, as well as the adequate reuse and safeguard of old buildings and their industrial components. Initially, we address the impact of the Industrial Revolution on brewing and then the reuse plans of each brewery, highlighting the contexts and the way in which the preservation policy was developed in each case.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio industrial
Requalificação urbana
Cervejaria
Reutilização
Musealização

KEYWORDS

Industrial heritage
Urban requalification
Brewery
Reuse
Musealization

Introdução

O século XIX viu a produção cervejeira passar por grandes transformações, acompanhando os processos de industrialização e urbanização que marcaram muitas cidades, mas, apesar do relevante papel desempenhado durante a introdução da mecanização e modernização industrial, as cervejarias ainda não são devidamente reconhecidas como ícones do patrimônio industrial. E como indicado por Cossons, além de uma “tecnologia específica, a indústria cervejeira oferece ao arqueólogo industrial a oportunidade de examinar o funcionalismo no projeto e na construção de edifícios em sua forma mais pura” [1]. É de acordo com esse pensamento que propomos uma abordagem sobre a industrialização da produção de cervejas e, pontualmente, sobre as condições de salvaguarda e os planos de reutilização das cervejarias *Antarctica* e a *Portugália*.

Industrialização e ciência na produção cervejeira

A descrição de uma cervejaria no conto de Asher Barash [2] fornece indícios dos processos e das edificações que abrigavam fábricas de cerveja no final do século XIX, nos servindo de parâmetro para algumas colocações:

Na cervejaria em si, [...] três ruídos estão sendo produzidos: o barulho das grandes rodas de madeira girando; o barulho do fogo na fornalha que fica no fundo do prédio; e o barulho borbulhante da enorme cuba de cobre [...], que se estende sobre a fornalha, alcançada por uma escada de ferro fixada na lateral. Tanques de madeira [...] ficam sob um deck suspenso, é a "bacia de resfriamento". Alguns dos tonéis estão cheios de água com um brilho frio e sinistro; outros contêm uma mistura forte que borbulha e efervesce, com uma espuma flutuando na superfície. [...] Portas pesadas e cravejadas de ferro levam aos porões escuros [...] [2].

Na parte superior da construção ficavam os moinhos para triturar os grãos de malte. Dali, o malte triturado desce para a cozinha onde era aquecido com água em chaleiras formando o mosto; nessa fase inicial de fermentação, o amido do malte é transformado em açúcar. Nos tonéis borbulhantes ocorre a separação dos componentes sólidos dos líquidos, tornando o mosto mais claro e refinado para receber o lúpulo aromatizante. Posteriormente, o mosto é filtrado e drenado em tanques de madeira para resfriamento seguindo, então, para os tanques de fermentação, onde as leveduras são inoculadas transformando os açúcares em álcool.

Antes das máquinas de gelo, após a fermentação as cervejas eram acondicionadas em barris e transferidas para adegas localizadas, geralmente, em “porões escuros” [2]. Mas, durante o século XIX esses métodos de produção artesanal da cerveja foram alterados por procedimentos mecânicos e industriais.

Segundo Hobsbawm, as cervejarias e moinhos representaram “gigantescos monumentos da modernidade” na medida em que aplicaram e ampliaram o uso de novos maquinismos, inclusive oferecendo demandas para novas invenções [3]. A máquina de tiragem de cerveja sob pressão e o uso do motor a vapor de *Boulton & Watt* na Cervejaria londrina *Whitbread* em 1785, são exemplos de inventos pioneiros aplicados em cervejarias [4].

Eventualmente os avanços tecnológicos sofriam resistência por parte dos cervejeiros tradicionais, como as bobinas a vapor usadas para substituir o fogo à lenha, que além de garantir estabilidade na produção, economizava combustível e mão de obra; porém, muitos cervejeiros declararam que isso comprometia o sabor final da bebida [5].

Outras invenções (ventiladores de secagem, tonéis de infusão, sistemas pneumáticos, melhoria na vedação de tampas, agitadores mecânicos), supriam as novas necessidades. Como as máquinas frigoríficas desenvolvidas por Carl von Linde [6], inicialmente para as cervejarias *Dreher* (Hungria) e *Heineken* (Holanda). Com maior durabilidade as bebidas poderiam alcançar mercados distantes. Até então, o resfriamento consistia em recolher gelos durante o inverno e armazená-los em porões [6]. No verão, as temperaturas eram nocivas ao processo de

fermentação podendo alterar a qualidade da cerveja. Como as cervejas Porter toleravam mais o calor, seus produtores possuíam uma vantagem, mas a chegada dos dispositivos de refrigeração permitiu a produção de outros tipos de cerveja em qualquer estação.

Revolucionando os processos de fermentação, Louis Pasteur desvendou os agentes ativos nesses fenômenos. Contestou a teoria de que os germes de fermentação eram gerados espontaneamente e desenvolveu o método de pasteurização, aplicado na produção de bebidas lácteas e fermentadas, eliminando germes e prolongando a validade do produto [7].

Diferentes invenções foram divulgadas pela revista *Engineering* como, por exemplo, pás mecânicas em bandejas de trituração de malte, elevadores hidráulicos de barris, máquinas de lavar barris. Essas invenções buscavam realizar atividades em menos tempo e com o mínimo de trabalho manual [8-9]. Esse momento, entendido por Arnold Hauser como a “Idade da Máquina”, marcou o surgimento de um “sistema de trabalho condicionado por métodos mecânicos”, por uma “divisão de funções e uma produção adaptadas às necessidades de consumo de massas” [10]. Era o início de um processo de fabricação que culminaria com a linha de montagem do Ford T.

Um novo contexto social e urbano, em virtude do aumento da demanda, propiciou a fabricação de cerveja em escala industrial [11]. Assim, a emergência das cervejarias dentro de um quadro de produção industrial estava relacionada aos avanços tecnológicos e às diversas alterações urbanas decorrentes da industrialização.

Em Lisboa, a construção de cervejarias parece ter acompanhado o crescimento da população (que passou de 187 mil habitantes, em 1878, para 301 mil, em 1890), e as alterações urbanas, como abertura de novas ruas e instalação da eletricidade que se expandiu da iluminação pública para o transporte, indústrias e moradias [12]. Até 1850 havia apenas a *Cerveja Trindade*, mas, após 1880, eram seis fábricas. Em 1855 surge a *Cerveja Jansen*; em 1865 a *Cervejaria Leão D'ouro*; depois, a fábrica *Cerveja Leão* (1878), a *Peninsular* (década de 1890) e a *Germânia* (1913) que assume o nome *Portugália* em 1916, patrimônio alvo deste estudo [13].

Algo parecido aconteceu no Brasil. A cervejaria *Antarctica* de São Paulo (1888) e a *Brahma* (1894) no Rio de Janeiro foram criadas a partir da ampliação e modernização de pequenas fabriquetas. Mas, para atingir o padrão industrial foi necessário investimentos tecnológicos, técnicos competentes (ambas tiveram entre seus fundadores imigrantes alemães), e recursos urbanos disponíveis, como ferrovias, energia elétrica, consumidores e mão-de-obra operária [14]. E na cidade de Joinville, de colonização fortemente alemã, a produção artesanal de cerveja era comum durante o século XIX, sendo a fabriqueta do imigrante Alfred Tiede uma das primeiras a industrializar sua produção. Em funcionamento até 1998, seu processo de patrimonialização e seus planos de reuso e salvaguarda são analisados aqui em comparação com o caso da *Cervejaria Portugália*.

Cervejaria Antarctica de Joinville e os paradoxos da preservação

O cervejeiro Tiede esteve entre os milhares de imigrantes que, entre 1851 e 1890, aportaram no sul do Brasil para viver na Colônia Dona Francisca (atual Joinville), fundada em 1851. Produzida artesanalmente, as primeiras propagandas da sua cerveja apareceram no jornal local em 1889. Após a disponibilização de garrafas aos editores, seguiram as declarações: “[...] apresenta gosto forte, é clara e encorpada como nós, consumidores, desejamos. Está acima das melhores cervejas aqui criadas e pode colocá-las em segundo lugar” [15]. Outro registro, de 1901, destacou a influência da tradição germânica na produção local:

Onde quer que os alemães morem no exterior, também se bebe cerveja alemã, por isso, seu consumo é grande na Colônia Dona Francisca. Três cervejarias foram erguidas em Joinville, a dos Irmãos Kühne, os Irmão Berner e a de Alfred Tiede. Ali são fabricadas cervejas de alta fermentação, tem que se acostumar com o sabor, mas é leve e de grande pureza. [16]



Figura 1. Rótulos de cervejas (década de 1920): a) Cerveja de Kuhne & Cia; b) Bernier Irmãos; c) Alfred Tiede & Cia (Arquivo Histórico de Joinville – Livro de Rótulos, Typographia Otto Boehm).

Rótulos da década de 1920 revelam a permanência dessas cervejarias anos depois desse registro (Figura 1). A cerveja de Tiede chegou a ser premiada em exposições estaduais e nacionais, e com a associação de 1925 a *Cervejaria Catharinense de Tiede, Seyboth & Cia* inaugurou sua primeira construção fabril.

Passando por ampliações, em 1935 foi construída outra casa de máquinas e em 1939 inaugurou-se uma nova cozinha. Após a II Guerra Mundial a *Companhia Antarctica Paulista* comprou a *Cervejaria Catharinense*. Assumindo o nome *Cervejaria Antarctica* manteve sua produção até 1998.

Após seu fechamento, permaneceram na fábrica maquinários, arquivos administrativos, ferramentas e móveis. E no ano de 2001 o poder público comprou o complexo (fábrica e outros galpões), para usos culturais e artísticos batizando o espaço de *Cidadela Cultural Antarctica*. A partir daí, tiveram início os problemas com a preservação da edificação principal da fábrica.

Para a ocupação da área fabril cogitou-se: a criação do Museu da Cerveja; a criação do Museu de Arte Contemporânea; e a disponibilização dos galpões e prédios administrativos para associações culturais. Apenas a última perspectiva se consolidou, com a instalação de associações e setores da prefeitura municipal nessas áreas.

O projeto inicial apresentava o Museu da Cerveja como uma “exposição real do maquinário” abordando sua história e seu “processo de produção” [17]. Mas, dos planos do Museu, que foi alvo de outro estudo relacionado à arqueologia industrial, sobraram apenas as plantas do projeto [18].

De acordo com as plantas desejava-se manter áreas expositivas da fábrica em conjunto com o Museu de Arte Contemporânea (MAC), confrontando diferentes expectativas de uso: exposição industrial e sede de acervo artístico. Enquanto o Museu da Cerveja almejava um museu *in situ*; o MAC desejava uso exclusivo do espaço, importava instalar-se na fábrica, porém, sem interesse na manutenção do maquinário em seu interior. O prédio serviria como mera casca abrigando atividades ou eventos artísticos, em detrimento dos componentes industriais; entretanto, o acervo industrial é o ponto relevante para entendimento do processo industrial, pois remete às técnicas e processos de produção de uma determinada época, como destacado na Carta de Nizhny Tagil:

[...] o patrimônio industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de [...] um valor estético [...].

Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua paisagem industrial, à sua documentação e também aos registros intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições. [19]

Como os projetos dos museus não se efetivaram, foram desprezados a conservação da edificação, da memória e do acervo industrial ligado à cervejaria. Nem um inventário dos objetos e máquinas presentes na fábrica foi realizado, sendo difícil mensurar o que se perdeu nessas últimas décadas.

A 31ª *Coletiva de Artistas de Joinville* (2001) foi a primeira ocupação artística da cervejaria. Promovida anualmente pelo Museu de Arte de Joinville (MAJ), a 31ª *Coletiva*, empregou o conceito de apropriação da cervejaria. As criações deveriam dialogar com o espaço fabril e para confecção das obras e intervenções os artistas exploraram seus ambientes (Figura 2). O curador relatou as dificuldades desse processo, já que se tratava de “um espaço com particularidades arquitetônicas e densa memória para a cidade. Não é um espaço neutro, mostra-se repleto de contaminações visuais a cada porta que abrimos” [20]. Diferentes estratos do tempo marcariam às instalações, embaralhando passado e presente, enquanto a memória da cidade e da fábrica eram acessadas por sentimentos criados a partir da fusão entre concepção artística e reapropriação do espaço industrial.

Imagens captadas durante o evento revelaram no interior da fábrica, ferramentas, mobílias, iluminação e espaços higienizados; embora, denunciasses a ausência de mecanismos de preservação para com o acervo industrial. Esta articulação entre expressão artística e espaço industrial é válida. O *Museo Centrale Montemartini* em Roma, que combinou peças arqueológicas e maquinário de uma termoeletrica desativada; e a área expositiva do BRASS em Bruxelas, na casa de máquinas da *Cervejaria Wielemans*, são exemplos dessa “convivência”. Mas, no caso da Cervejaria em Joinville os custos de manutenção e a indefinição sobre qual órgão público assumiria as despesas impediu o desenvolvimento dessa fusão [21].

A obra *Permanência do espaço/tempo* de Alberto Franzoi apropriou-se de livros administrativos do arquivo da Cervejaria questionando a “vontade de preservar dados, a precariedade e a insignificância do que realmente permanece” [22]. Abandonados em seu interior, os livros foram perfurados com pregos e espalhados sobre o chão e paredes, num cômodo da fábrica; com os livros pisoteados a historicidade do arquivo serviria de passagem para o público. Expunha o desprezo dos órgãos públicos em relação àquele acervo declarando que “o patrimônio da cidade estava abandonado” [22]. Criticado pela instalação, Franzoi indagou: “por que é que os responsáveis pelo patrimônio não providenciaram a retirada dos documentos, antes?” [23]. Soando por duas décadas, além de problematizar a falha das políticas de preservação em relação àquela documentação, as palavras e a obra foram fatídicas.

Em 2021 um incêndio atingiu o arquivo da antiga cervejaria (Figura 3). Com pisos e estantes de madeira, um farto acervo (documentos administrativos, registros de trabalhadores, revistas e livros técnicos, projetos arquitetônicos, cartões, fotografias, cartazes propagandísticos) foi incinerado.

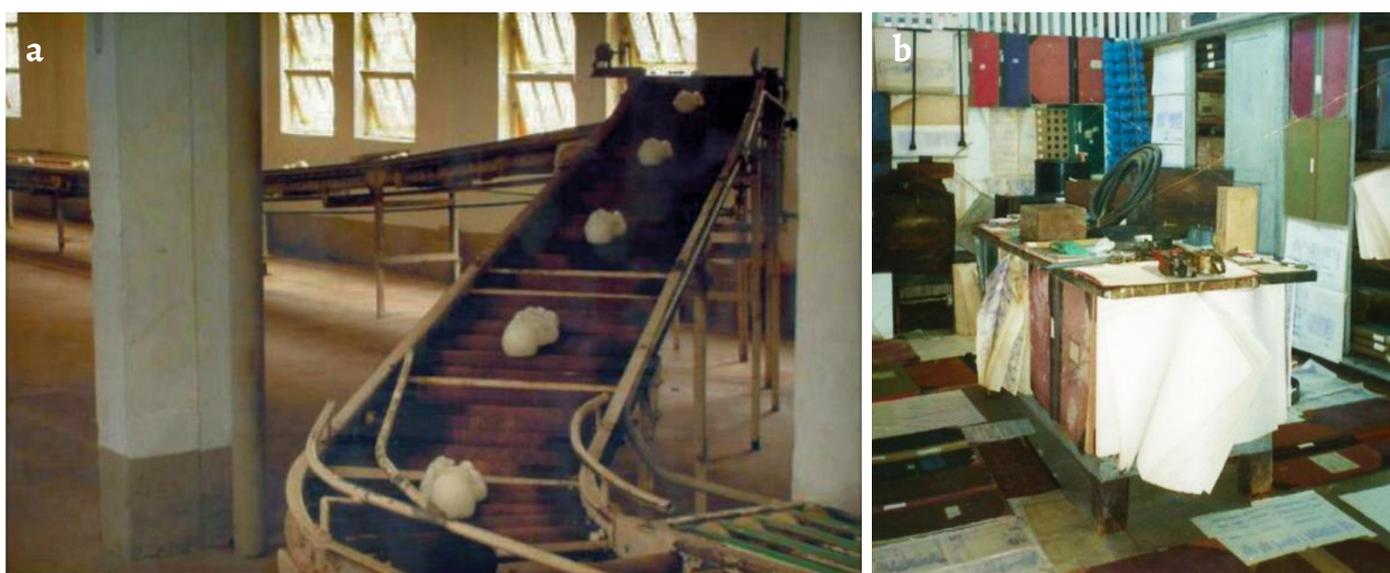


Figura 2. 31ª *Coletiva de Artistas*: a) Esculturas na esteira de engarrafamento remete a produção em série de bebês, 2001; b) instalação *Permanência do espaço/tempo*, 2001 (Arquivo Museu de Arte de Joinville, pasta “31ª Coletiva de Artistas”).



Figura 3. Arquivo da cervejaria: a) durante mutirão de organização, em 2008 (Fundação Cultural de Joinville) [17, 24]; b) após incêndio em 2021.

A Carta Manifesto (2003) do Comitê pela Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil relatava a incompreensão de órgãos preservacionistas, que “subestimam o patrimônio industrial, considerando-o pouco relevante no conjunto a ser preservado”; e de “proprietários”, que “encaram esses espaços fabris apenas como fonte de recursos” [25]. No caso da cervejaria, os antigos proprietários renunciaram ao seu acervo documental [23].

Paradoxalmente, foi a preocupação com essa documentação e a necessidade de se estabelecer normas para reuso da cervejaria que motivou a Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC - setor responsável pela abertura de processos de tombamento), a propor o Tombamento da Cidadela Cultural Antártica em 2006, a partir do Parecer nº. 30-2006.

Entre 2001 e 2006 outras áreas do complexo foram ocupadas, enquanto a área fabril permanecia ociosa. Mas, em 2006, o MAC recebeu “permissão de uso” desta área, iniciando estudos para sua instalação. Como a abertura do processo de tombamento ocorreu meses depois da concessão, poderia ser uma tentativa de limitar intervenções arquitetônicas inadequadas que o MAC demandava.

Apesar de, geralmente, não ser considerada, a “adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação” [19], desde que se respeite “o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção”, é uma recomendação da Carta de Nizhny Tagil [19].

Conseqüentemente, o Parecer nº 30-2006 para a abertura do processo de Tombamento do complexo, propôs normatizar reusos e definir áreas para demolição, alterações ou nenhuma alteração arquitetônica. Apresentou, também, a relevância histórica e o valor do bem para a comunidade, destacando o vínculo entre a cervejaria e os habitantes da cidade como “importante referencial urbano”, em razão da sua localização no “corredor de acesso principal à cidade” [17]. Apontaram a superioridade da cerveja produzida na cervejaria, “considerada por muitos anos a melhor cerveja do país devido, principalmente, à excelência de sua água, proveniente de fonte própria”, e sua importância para a economia da cidade [17]. Relatos do cervejeiro Curt Zastrow que atuou na fábrica, mostraram que o antigo maquinário limitava a quantidade de produção e exigia procedimentos diferentes de outras filiais mais modernas, alterando o sabor da cerveja local [26].

Como valor arquitetônico apontaram: as “coberturas de tesouras de madeira”, de “tipo shed” e “de água simples”; “paredes autoportantes”; “pilares de madeira”; e “vigas de concreto armado” [17]. As coberturas tipo “shed” foram adaptações arquitetônicas desenvolvidas para incorporar a “iluminação natural [...] obtida através de janelas” e fizeram parte de um movimento arquitetônico estético e funcional que pleiteavam a “organização do espaço interno” e a busca por “menores custos” na produção [27].

O Parecer nº. 30-2006 estipulou três níveis de preservação (Figura 4), prevendo que as intervenções “atuem reabilitando e animando os espaços para usos atuais da Cidadela”, sendo elas:

Preservação Integral (vermelho): preserva características arquitetônicas internas e externas do imóvel.

Preservação Estrutural (azul): preserva características arquitetônicas externas do imóvel.

Preservação cautelar (amarelo): proteção/integração do entorno: reconstituição, adequação e renovação. [17]

De acordo com a [Figura 4](#), a manutenção da volumetria da fábrica (áreas em azul) e a *preservação integral* da chaminé e cozinha da cervejaria (em vermelho), viabilizaria a reabilitação do prédio, unindo possíveis alterações com a preservação da arquitetura industrial. A chaminé símbolo da paisagem industrial era ostentada comumente em rótulos de cervejarias, como na [Figura 5](#). Há, entretanto, um contraste com a situação precária da chaminé atualmente.



Figura 4. Apresenta os níveis de preservação do complexo. Em laranja o perímetro do setor fabril. Fundação Cultural de Joinville [17].

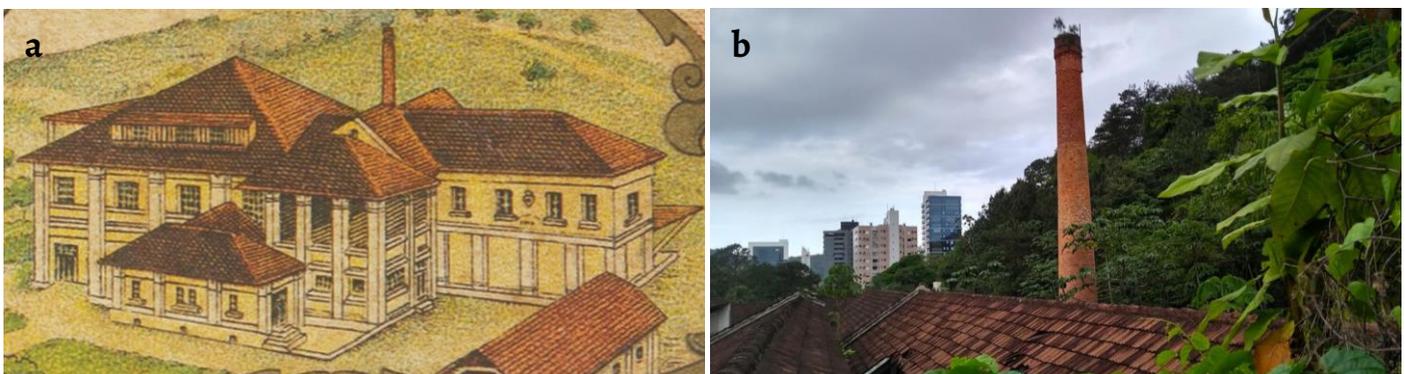


Figura 5. Chaminé da cervejaria: a) Detalhe do rótulo da *Cervejaria Catharinense* (década de 1920). Arquivo Histórico de Joinville - Livro de Rótulos, Typographia Otto Boehm. b) Fotografia 2020.



Figura 6. Cervejaria ao longo do tempo: a) em 2001 [28]; b) em 2021.

Deve-se considerar, na reabilitação de edifícios industriais, a conservação de componentes, como: “elementos estruturais e singulares”; “materiais e sistemas construtivos”, “manutenção do espaço industrial” e a “imagem global da construção” [29]. Sobre projetos de reuso, a Carta de Veneza indica que a “conservação dos monumentos é sempre facilitada pela sua utilização para fins sociais. Esta utilização, embora desejável, não deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios [...]” [30].

Somou-se à falta de verbas e equipas para manutenção do espaço, a queda em 2008 de parte do muro localizado nos fundos da cervejaria, forçando sua interdição, que permanece até o momento sem nenhuma proposta de restauro. Na medida em que o tempo passou, a degradação e abandono se acentuou, agravando a queda de estruturas do telhado e a dispersão vegetal no interior da fábrica, como demonstra a Figura 6. Em 2013 o MAC retomou a ideia de implementação do museu, mas o orçamento de 30 milhões de reais para as obras de restauro do prédio impediu sua consolidação [31].

Infelizmente, mesmo com a conclusão do tombamento em 2010, não foi executado, até o momento, nenhum plano de intervenção no prédio da cervejaria e nem para a concretização de seu reuso. Movimentos civis tentaram chamar a atenção para a degradação da antiga cervejaria, através dos *Ocupes* (em 2014 e 2016), mas não obtiveram resultados. Desse modo, a fábrica com sua cobertura danificada, maquinários, laboratórios, adegas e um arquivo transformado em cinzas, jaz na negligência da gestão municipal.

Vemos que a falta de um plano de conservação preventiva da edificação gerou perdas significativas. Destarte, os estudos no campo de patrimônio devem dirigir-se para a fiscalização e cobrança de cumprimento da legislação preservacionista formando grupos para orientar e participar das articulações sobre: o destino e seleção de acervos industriais; a concepção de exposições e cartilhas educativas elucidando o valor desses elementos. Essas seriam tentativas de evitar o apagamento do passado industrial, como expressou Rix “estamos tão alheios à nossa herança que, além de algumas peças de museu, a maioria desses marcos são negligenciados ou destruídos” [32].

A Fábrica de Cerveja Portugália e os dilemas de reuso

Talvez, as palavras do escritor Mário de Carvalho “[...] é um privilégio viver nesta cidade [...] cheia de ressonâncias. Em cada esquina encontra-se qualquer coisa que vem de trás, que evoca outras coisas” [33], expliquem porque o projeto de requalificação urbana destinado à área da antiga Portugália foi tão contestado.

“Em Arroios ninguém quer uma torre na Portugália”, anunciava uma manchete sobre requalificações no quarteirão daquela cervejaria [34]. Reportagens de 2005 já abordavam os

planos de demolição da área, que visavam a desobstrução, quase, total do terreno, poupando apenas a *Cervejaria Portuguesa* [35].

A história da Portuguesa remete à *Fábrica de Cerveja Leão*, criada em 1878 na Rua dos Arroios. Com a fusão entre a *Leão* e a *Companhia Portuguesa de Cerveja*, em 1912, construiu-se a fábrica para abrigar a *Sociedade Portuguesa Germânia* no quarteirão da Avenida Almirante Reis (Figura 7 e Figura 8).



Figura 7. Projeto Arquitetônico (1912), casa de máquinas, frigorífico, escritório, fachada para Avenida Almirante Reis. Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 2476 - Proc 1874-DAG-PG-1912 - Folha 3.

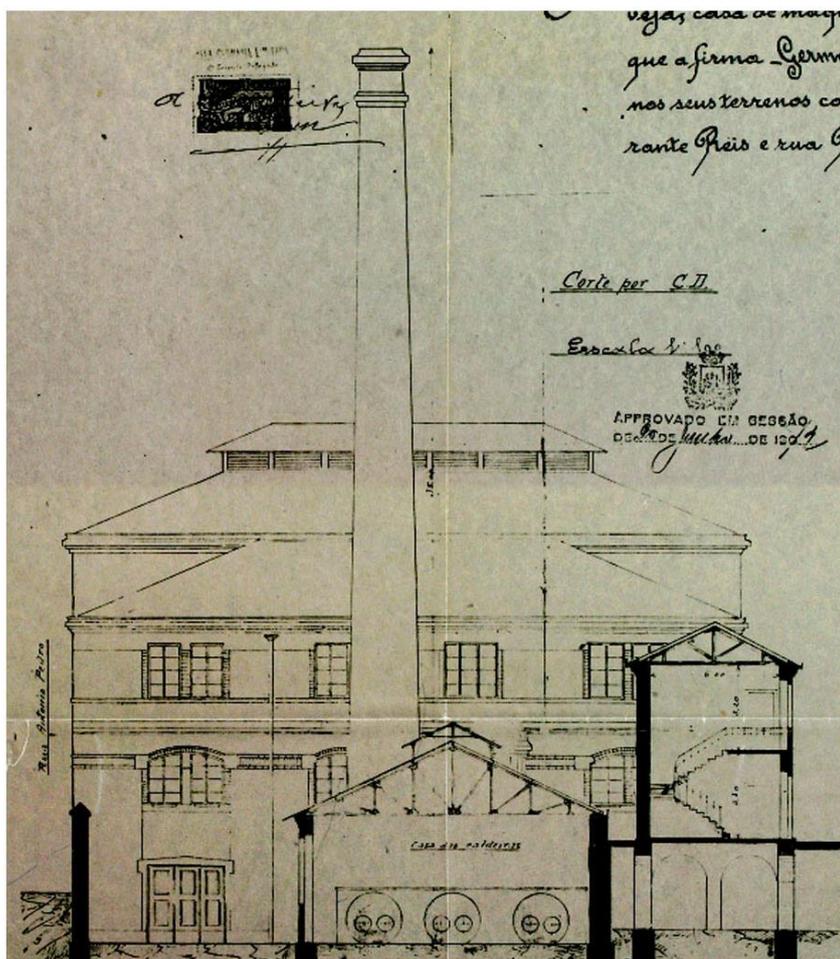


Figura 8. Projeto Arquitetônico (1912), fachada lateral Rua Pascoal de Melo. Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 2476 - Proc 2642-DAG-PG-1912 - Folha 4.

Segundo a revista *A Construção Moderna* a edificação foi criada utilizando os “mais modernos e melhores processos de construção”, com ornamentos artísticos pintados a óleo, cantarias de qualidade e azulejo decorativo [36]. A edificação unia fundamentos da arquitetura tradicional (azulejos, cantarias), com elementos e técnicas construtivas modernas baseadas no ferro, cimento e vidro.

Em razão do sentimento antigermânico alimentado durante a 1ª Guerra Mundial, em 1916 alterou-se o nome para *Fábrica de Cerveja Portugália*. Assumindo o nome *Companhia Productora de Malte e Cerveja Portugália*, na década de 1920, a fábrica foi ampliada ganhando edifícios para a produção do malte e para a produção de garrafas. E visando atender os clientes que abasteciam seus barris diretamente na fábrica, foi aberto um espaço para degustação anexo à fábrica, nascia assim a *Cervejaria Portugália*.

Nos anos de 1930 a Sociedade Central de Cervejas uniu as cervejarias *Portugália*, *Jansen*, *Estrela* e *Cerveja Coimbra*. E na década de 1950 novas estruturas foram construídas no quarteirão da *Portugália*, alterando parte das antigas edificações (Figura 9). De arquitetura modernista, os novos prédios abrigaram a malteria e os salões da nova cervejaria, incluindo terraço para projeções cinematográficas, que estiveram em funcionamento até a década de 1990, quando a produção foi transferida para filial em Vialonga.

Décadas depois, o extenso conjunto arquitetônico, já ocioso, ganharia novas perspectivas de requalificação e reconversão. Mas os dilemas de reabilitar antigas construções e requalificar seus entornos, oportunizando empreendimentos e preservação de bens patrimoniais, podem se mostrar controversos. Do ponto de vista preservacionista, as demolições das áreas fabris do quarteirão da *Portugália* são problemáticas, pois não contemplaram estudos em que a reutilização das antigas estruturas fosse considerada (Figura 10).

Instrumento capaz de criar nova dinâmica urbana, a requalificação urbana procura reorganizar o espaço público incentivando novos empreendimentos com apoio e, em partes, para benefício da iniciativa privada, uma vez que por trás de interesses públicos (como construção de novas vias, embelezamento de áreas, arborização, construção de praças, etc.), existem nessas ações, objetivos de valorização monetária dessas regiões [37].

Sabemos que os inconvenientes, no que diz respeito a preservação industrial, são as “demolições impensadas”, as descaracterizações desses complexos. Há, também, o apagamento de memórias operárias ou a pasteurização dos elementos e práticas fabris em projetos museais que fazem com que os reusos desses espaços sejam “discutíveis” [38].

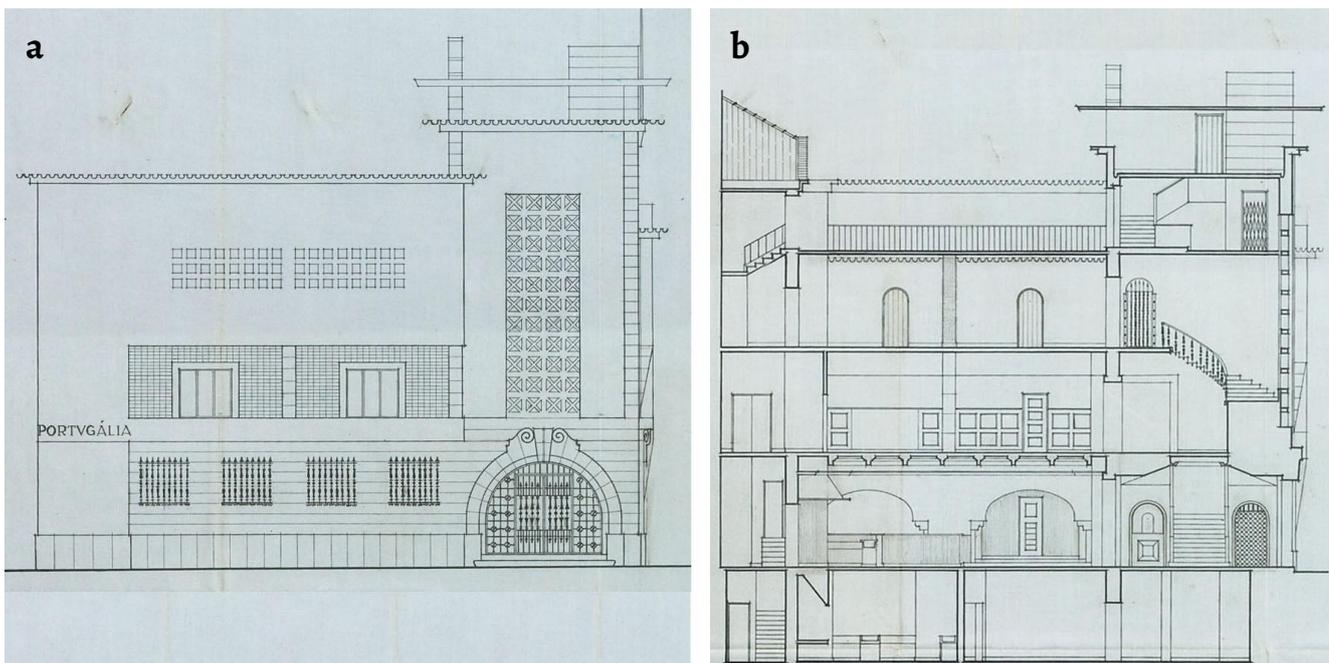


Figura 9. Projeto Arquitetônico (1947), cervejaria, bilhar, terraço: a) Fachada Av. Almirante Reis; b) áreas internas e subsolo. Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 2476 - Proc 13960-DAG-PG-1950 - Folha 4 e Folha 13.



Figura 10. Área do quarteirão em 2019, com as ruínas da fábrica e cervejaria [34].

Segundo a jornalista Inês Boaventura [39], o projeto de requalificação para o quarteirão previa a demolição de “[...] escritórios, adegas e áreas de fabrico” devido às formas obsoletas das estruturas e as dificuldades de “adaptação [...] às novas funcionalidades” [39]. As reconversões arquitetônicas, que compreendem a conservação volumétrica da edificação, além de custos maiores, podem significar restrição de funcionalidade e fruição do projeto em voga – problemas solucionados com os terrenos baldios.

A previsão de construção da torre de 16 andares (60 metros) denominada de Portugália Plaza, acendeu o debate que colocou a comunidade local contra o projeto. As perspectivas de desconfiguração e interferência na paisagem, o aumento do fluxo de veículos, a obstrução da claridade solar e a descaracterização arquitetônica da região foram argumentos de oposição. Em contrapartida, os defensores da obra justificavam o uso público das áreas (alamedas e praças) como espaços de “descompressão” das vias urbanas [34].

Além da preservação do património cultural e a memória industrial da cidade, estava em jogo a transformação da área central de Lisboa e a imposição do interesse privado sobre o público. Ocasionalmente, os planos de requalificação urbana são travestidos de melhorias sociais e de vantajosa reabilitação do espaço público, enquanto os interesses privados delineiam o processo de especulação imobiliária. Foi, justamente, por isso que a palavra *gentrification* passou a ser usada para nomear o processo de enobrecimento de uma área, principalmente, quando o interesse econômico de exploração lucrativa suplanta outras iniciativas.

Ao mesmo tempo, os processos de ressignificação de espaços públicos expõem as redes de sentidos acionados na comunidade que está inserida, conforme o impacto que os reusos e práticas sociais assumem nas propostas de revitalização. Se por um lado, o conteúdo simbólico é incorporado nos processos de gentrificação para subverter usos tradicionais e definir novas fronteiras espaciais entre áreas, ele é responsável, também, por correntes que resistem ao enobrecimento. Foi o caso do movimento *Stop Torre 60m Portugália*, uma organização popular que contestou o projeto de reuso do quarteirão.

Em reuniões com o poder público e representantes do empreendimento, o movimento questionou o projeto, forçando o diálogo e a possibilidade de alterações no projeto inicial, como a diminuição de andares e o realinhamento (recuos) dos acessos referentes às distâncias das ruas [40]. O movimento questionou também: o crédito aprovado, em 2013, pelo governo municipal ao empreendimento através do Sistema de Incentivos a Operações Urbanísticas com Interesse Municipal (RSIOUIM); o precedente aberto para a região da “Almirante Reis, constituindo um verdadeiro ‘erro histórico’” com “omissões grosseiras na análise”; os

“comportamentos facilistas” por parte da CML para aplicação deste projeto; e a “falta de espaço público e de espaços verdes, [...], o excesso de ruído, as dificuldades ao nível da higiene urbana, a falta de equipamentos culturais, a inexistência de ciclovias, os problemas de índole social” [41].

A atuação do *Stop Torre 60m Portugália*, vem ao encontro das teorias expressas no livro *O direito à cidade* de Henri Lefebvre. Escrito em 1968, apontava o impacto dos movimentos de contestação daquele período buscando romper com “estratégias urbanas” ligadas às ideologias dominantes. Lefebvre sugeriu o papel do urbanismo como ferramenta de transformação e interferência na vida urbana [41]. E o movimento *Stop 60*, reivindicando o espaço público no “coração da cidade” revive essas expectativas, se apropriando de “locais de encontro e de trocas”, propondo “a realização da vida urbana como reino de uso” e promovendo estratégias para reclamar demandas da cidade [42].

Como expresso na manchete “Moradores ganham batalha contra torre de 60 metros na Portugália” (23 jul. 2023), a interferência do movimento levou ao então, Vereador do Urbanismo Ricardo Veludo, a destacar a importância do debate na elaboração de projetos de requalificação [43]. O projeto da Portugália chegou a ser indeferido pela Câmara Municipal de Lisboa (CML), mas em 2021, novo projeto foi aprovado [44].

O caso do *quarteirão* ganhou a imprensa fomentando a opinião pública sobre a preservação do patrimônio e a necessidade da participação coletiva nas decisões que envolvem as reabilitações. Entretanto, as demolições ocorridas no início dos anos 2000 não receberam a mesma atenção. Supressões de edificações, incluindo a chaminé e o abandono das edificações ainda existentes (fábrica e cervejaria), são frustrações diante do que almejam as políticas de preservação referentes ao patrimônio industrial. Com o projeto de reuso ainda não concretizado; talvez, as demolições pudessem ter sido evitadas se outras propostas de reuso fossem consideradas inicialmente.

Embora a CML afirme que a fábrica e a cervejaria serão restaurados e integrados aos reusos do quarteirão, o projeto não concebeu a musealização dos espaços. Segundo a CML, “a fábrica albergará espaços de restauração no piso térreo” e nos pisos superiores às salas de escritórios. Uma passagem formada por “um volume em vidro e cobre procurando afirmar pela sua linguagem contemporânea a oposição com as pré existenciais” ligará os dois edifícios [45].

Organismo em constante transformação, como remete Le Corbusier “a cidade é um redemoinho, você tem que classificar suas impressões, reconhecer suas sensações e selecionar métodos curativos e benéficos”; e certamente as requalificações urbanas e as possibilidades de reuso de espaços industriais são oportunidades de aplicar “métodos curativo e benéficos” no tecido da cidade, como possibilidade de reabilitar áreas degradadas [46]. Contudo, não raro, a memória industrial, resquícios fabris e tecnológicos são esvaziados de seus sentidos com prédios demolidos e acervos descartados, como aconteceu com os fornos Hoffmann e a fábrica de papel de Tomar [47]. Por isso, a necessidade de exercitar a percepção da cidade, de sua fisionomia e construções como rastros da trajetória humana, marcos de diferentes temporalidades. Assim poderemos alargar as perspectivas de compreensão da formação do patrimônio urbano e industrial, sua salvaguarda e transformação, em oposição aos interesses voltados apenas para a conveniência econômica.

Conclusões

Os casos investigados demonstram os conflitos envolvidos nas políticas de salvaguarda, de diferentes modos: por interesses privados voltados para empreendimentos lucrativos como o caso do “quarteirão da Portugália”, sublimado pelo discurso de reuso e a valorização de áreas urbanas a partir desses planos; pela apatia da gestão pública permitindo demolições sumárias; ou, como no caso da Cervejaria Antártica, por omissão enquanto agente responsável pela conservação e salvaguarda do bem.

Dentro das perspectivas de preservação de patrimónios industriais — seus acervos, edificações e sua história — consideramos que a musealização é uma solução oportuna para a preservação, ainda mais quando a fábrica desativada dispõe de seus maquinários. Joinville teve oportunidade de musealizar sua fábrica de cerveja ainda com seus acervos, mas, foi o projeto de abandono e degradação das estruturas quem triunfou. O incêndio de 2021 impossibilitou qualquer expectativa de estudo da documentação fabril, perdida para sempre. Por isso a necessidade de se inventariar, recolher, estudar e proceder a projetos de valorização que contemplem programas de reutilização envolvendo interesses e comunidades locais.

Em relação às edificações da Fábrica e Cervejaria Portugália, quase em ruínas, manifestações artísticas que adornam sua fachada e partes internas (esculturas e azulejarias) também sofrem com a degradação material, necessitando de intervenções urgentemente. O restauro desses edifícios, mantendo sua volumetria e, se possível, sua originalidade é uma alternativa positiva, como preservação arquitetônica e da paisagem; entretanto, enquanto património industrial permanece uma lacuna. É sobre essa lacuna que as visões preservacionistas habituais devem rever seus posicionamentos. E suprimi-la envolve assumir uma postura que desmistifique a noção de património industrial, percebendo-o como uma categoria de conhecimento que atravessa diversas as ações humanas, da criação das primeiras ferramentas de pedra aos avanços da inteligência artificial.

REFERÊNCIAS

1. Cossons, N., *The BP book of industrial archaeology*, David & Charles, London (1975).
2. Barash, A., *Pictures from a brewery; a novel*, Bobbs-Merrill Company, Indianapolis (1971).
3. Hobsbawm, E. J., *Da revolução industrial ao Imperialismo*, Forense Universitária, Rio de Janeiro (2000).
4. Whitbread's Brewery, *Founded 1742, House of Whitbread*, London (s.d.), https://www.gla.ac.uk/media/Media_399719_smxx.pdf (acesso em 2023-06-26).
5. Western Brewer Journal, *One Hundred Years of Brewing*, Rich & Co, Chicago (1903).
6. Linde, *125 Years of Linde*, LeadIng., Munich (2005), https://www.linde-healthcare.nl/nl/images/chronicle_e%5B1%5D14_9855_tcm170-233340.pdf (acesso em 2023-06-26).
7. Santos, J. M. dos, *A vida e a obra de Louis Pasteur*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra (1923).
8. 'Cask raising machine at messrs allsopp's brewery, Burton on Trent', *Engineering January 01-June 25 7* (1869) 29, https://archive.org/details/sim_engineering_january-01-june-25-1869_7/page/28/mode/1up?q=brewery (acesso em 2022-12-13).
9. 'Continuous cask-washing machine at messrs. Truman's brewery', *Engineering January 01-June 25 7* (1869) 90 https://archive.org/details/sim_engineering_january-01-june-25-1869_7/page/28/mode/1up?q=brewery (acesso em 2022-12-13).
10. Hauser, A., *História Social da Arte e da Literatura*, Martins Fontes, São Paulo (2003).
11. Slater, J. N., *A brewer's tale: the story of Greenall Whitley & Company limited through two centuries*, City Press Services, Warrington (1980).
12. França, J. A., *Lisboa: Urbanismo e arquitectura*, Livraria Bertrand, Amadora (1980).
13. 'A nossa história', in *Central Cervejas*, <https://www.centralcervejas.pt/pt/sobre-nos/a-nossa-historia/> (acesso em 2022-12-13).
14. Sousa, D. R. de, *Cidade e cerveja: Companhia Antarctica Paulista e urbanização em São Paulo*, Dissertação de mestrado, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica, Campinas (2017), <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16435?show=full> (acesso em 2022-12-13).
15. 'Alfred Tiede Bier', in *Reform*, Joinville (1889-01-09).
16. Gernhard, R., *Dona Francisca, Hansa und Blumenau, drei deutsche mustersiedelungen im südbrasilischen staate Santa Catharina*, B. S. Schottlaender, Leipsig (1901), <https://archive.org/details/donafranciscahaooergoog/page/n7/mode/1up?q=brauerei> (acesso em 2022-12-13).
17. Fundação Cultural de Joinville, 'Processo de Tombamento Municipal - Rua XV de Novembro, nº 1383', FCJ.CPC.2006-001, 2010.
18. Moraes, T. C., 'Reconversão e arqueologia industrial', *Arqueologia Industrial* 3(1-2) (2021) 80-121.
19. 'Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial', in *TICCIH Brasil* (2003), https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=675 (acesso em 2023-01-10).
20. Moreira, J. M., '31º coletiva de artistas de Joinville', in Catálogo de exposição, Museu de Arte de Joinville, Joinville, 2001.
21. Moraes, T. C., *Património industrial em Joinville: sobre políticas de preservação e requalificação (1998-2020)*, Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (2020), https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/5062/Tiago_Castano_Moraes_Final_16139966734317_5062.pdf (acesso em 2022-12-15).
22. Age, M. P. J., *José Rufino: arqueologia e memória*, Dissertação de mestrado, Departamento de Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis (2015), <http://tede.udesc.br/bitstream/tede/799/1/124461.pdf> (acesso em 2023-1-10).
23. 'Marcas do tempo', in *A Notícia*, Joinville (2001-11-20).
24. 'Documentos da cervejaria antarctica estão desde 2001 na cidadela aguardando análises do arquivo municipal', in *A Notícia*, Joinville (2008-11-27).
25. 'Carta Manifesto', in *TICCIH Brasil* (2003), <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-manifesto-2003/> (acesso em 2023-1-5).

26. 'Onde era feita a melhor', in *A Notícia*, Joinville (2009-03-01).
27. Folgado, D., *A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa: 1933- 1968*, Dissertação de doutoramento, Departamento de História, Universidade de Lisboa, Lisboa (2010), <http://hdl.handle.net/10451/2238> (acesso em 2023-1-5).
28. 'Complexo começa a tomar forma', in *A Notícia*, Joinville (2001-12-15).
29. Alvarez-Areces, M., 'Patrimonio industrial: un futuro para el pasado desde la visión europea', *Apuntes* 21(1) (2008) 6-25.
30. 'Carta de Veneza', in *II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos*, ICOMOS, Veneza (1964). https://www.culturante.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1964-carta_de_veneza-ii_congresso_internacional_de_arquitetos_e_tecnicos_de_monumentos_historicos_icomos.pdf?x69634 (acesso em 2023-1-5).
31. 'Museu de Arte Contemporânea espera construção da sede oficial em Joinville', in *A Notícia*, Joinville, 21 out. 2013, <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/10/museu-de-arte-contemporanea-espera-construcao-da-sede-oficial-em-joinville-4305399.html> (acesso em 2023-1-10).
32. Palmer, M.; Neaverson, P., *Industrial archaeology: principles and practice*, Routledge, London (1998).
33. Carvalho, M. de, 'Entrevista. Os bairros dão identidade única a Lisboa', *Lisboa* 26 (2019) 40-43, https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/revista_lisboa_26 (acesso em 2023-1-10).
34. Rodrigues, R. J., 'Em Arroios ninguém quer uma torre na Portugália', in *Diário de Notícias* (2019), <https://www.dn.pt/cidades/em-arroios-ninguem-quer-uma-torre-na-portugalia-10926026.html> (acesso em 2023-1-10).
35. 'Portugália vende fábrica à A. Silva & Silva', in *Casasapo* (2005), <https://casa.sapo.pt/Noticias/Portugalia-vende-fabrica-a-A.-Silva-Silva/?ID=24> (acesso em 2023-1-10).
36. Silva Junior, A. R. da, 'Edifício da fábrica de cerveja "Portugália Ltda"', *A Construção Moderna*, Lisboa 18 (1916), http://ric.slihi.pt/A_Construcao_Moderna/visualizador?id=11214.017.018&pag=1 (acesso em 2022-12-18).
37. Peixoto, P., 'Requalificação urbana', in *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*, eds. C. Fortuna, R. P. Leite, Almedina, Coimbra (2009) 41-52.
38. Silva, A. F. da; Rodrigues, W. do N., 'As ruínas do futuro e o novo património industrial. Entrevista Cristina Meneguello', *Revista Contexto* 4 (2013) 249-255, https://www.academia.edu/37327384/As_Ru%C3%ADnas_do_Futuro_e_o_Novo_Patrim%C3%B4nio_Industrial_Entrevista_com_Cristina_Meneguello (acesso em 2022-11-23).
39. Boaventura, I., 'Portugália vai ser integrada em projecto imobiliário', in *Público* (2009), <https://www.publico.pt/2009/06/01/jornal/portugalia-vai-ser-integrada-em-projecto--imobiliario-308476> (acesso em 2023-1-3).
40. Lança, F., 'Manuel Salgado defende que a torre da Portugália "é um bom projeto"', in *Jornal de Negócios* (2019), <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/manuel-salgado-portugalia-e-um-bom-projeto> (acesso em 2022-11-23).
41. 'Movimento Stop Torre 60m Portugália', in *Participação no processo de debate público do Movimento Stop Torre 60m Portugália* (2019), <https://www.am-lisboa.pt/documentos/1562682363VooKE6dk6Iy16HB7.pdf> (acesso em 2022-12-01).
42. Lefebvre, H., *O direito à cidade*, 5ª ed., Centauro, São Paulo (2008), https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf (acesso em 2022-12-01).
43. 'Moradores ganham batalha contra torre de 60 metros na Portugália', in *Sapo* (2020), https://visao.sapo.pt/imobiliario/2020-07-23-moradores-ganham-batalha-contra-torre-de-60-metros-na-portugalia/?utm_source=copy_paste (acesso em 2022-12-01).
44. Francisco, S., 'Projeto da Portugália aprovado. Esquerda votou contra', in *Diário de notícias* (2021), <https://www.dn.pt/local/projeto-da-portugalia-aprovado-esquerda-votou-contra-13574195.html> (acesso em 2022-12-01).
45. Guerreiro, J. L. S., 'Licenciamento de obras de edificação - Apreciação técnica', *Departamento de licenciamento de Projetos Estruturantes*, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa (2019), https://www.lisboa.pt/fileadmin/cidade_temas/urbanismo/gestao_urbanistica/licenciamentos/pro_destacados/lic_pro_312_EDI_2019/pr_0c312EDI2019_par_7590INFDMURB_DepLPEGESTURBE2019.pdf (acesso em 2022-12-01).
46. Le Corbusier, *La Ciudad del Futuro*, Ediciones Infinito, Buenos Aires (1985), <https://archive.org/details/le-corbusier.-la-ciudad-del-futuro-ocr-1985/page/n3/mode/2up> (acesso em 2022-12-01).
47. Santos, M. L., 'Entrevista concedida à Telma Bessa Sales', in *Conversando sobre Património Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*, eds. A. C. Matos, T. B. Sales e R. A. Rodrigues, Edições UVA, Évora (2018) 107-122, <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/24425/1/ebook%20conversando%20sobre%20patrimonio%20industrial.pdf> (acesso em 2022-12-01).

RECEBIDO: 2023.1.15

REVISTO: 2023.1.30

ACEITE: 2023.6.9

ONLINE: 2023.8.7



Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 International.
Para ver uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt>.